A Revista Oficial Da Terapia Holística

Revista TH

Abril / Maio - 2022
75a Edição - Ano XI

Editorial

A **Edição de Nº 75 da Revista TH** nos brinda com dois artigos exaltando o feminino e um excerto do livro Psicoterapia Holística.

"**Missão Feminina: O Retorno Da Deusa**" aborda o sagrado e o terapêutico de nosso lado feminino.

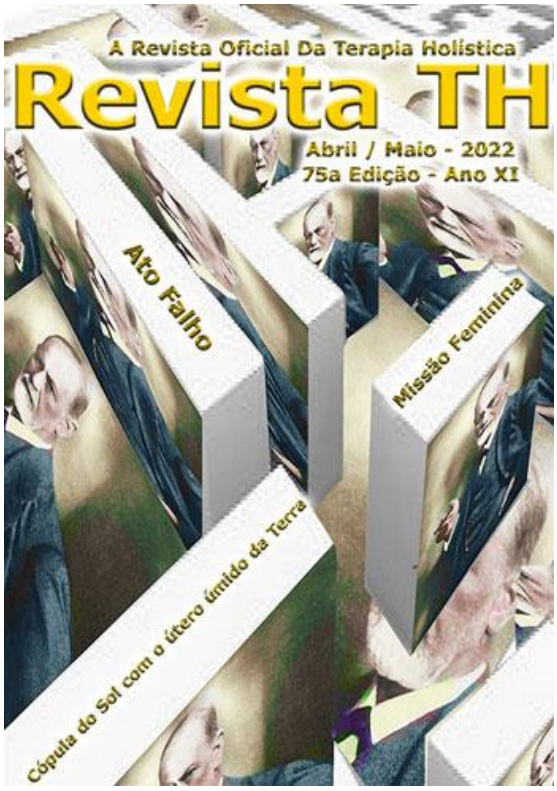
Já o artigo "**Do culto do pênis fóssil ao rito da cópula do Sol com o útero úmido da Terra**" , Reich, Gaiarsa e filosofia se unem ao matriarcado.

Em "**Ato Falho**" temos resumo e exemplos elucidativos de um dos fenômenos mais curiosos trabalhados na psicanálise: o lapso freudiano.

Nossos votos de ótimas leituras a todos!

Henrique Vieira Filho
MTB 0080467/SP
Jornalista Responsável

Capa: Labirinto da Mente



Edição, Diagramação, Ilustrações e Jornalista Responsável
Henrique Vieira Filho

Organização
Sociedade Das Artes

Homepage
www.revistaterapiaholistica.com.br

Contato
www.crt.org.br
contato@crt.org.br

CONSELHO DE TERAPIA HOLÍSTICA
Conselho de Auto Regulamentação da Terapia Holística

Alameda Santos, 211 cj 1403 São Paulo - SP
CEP 01419-000 (11) 3171-1913

Índice:

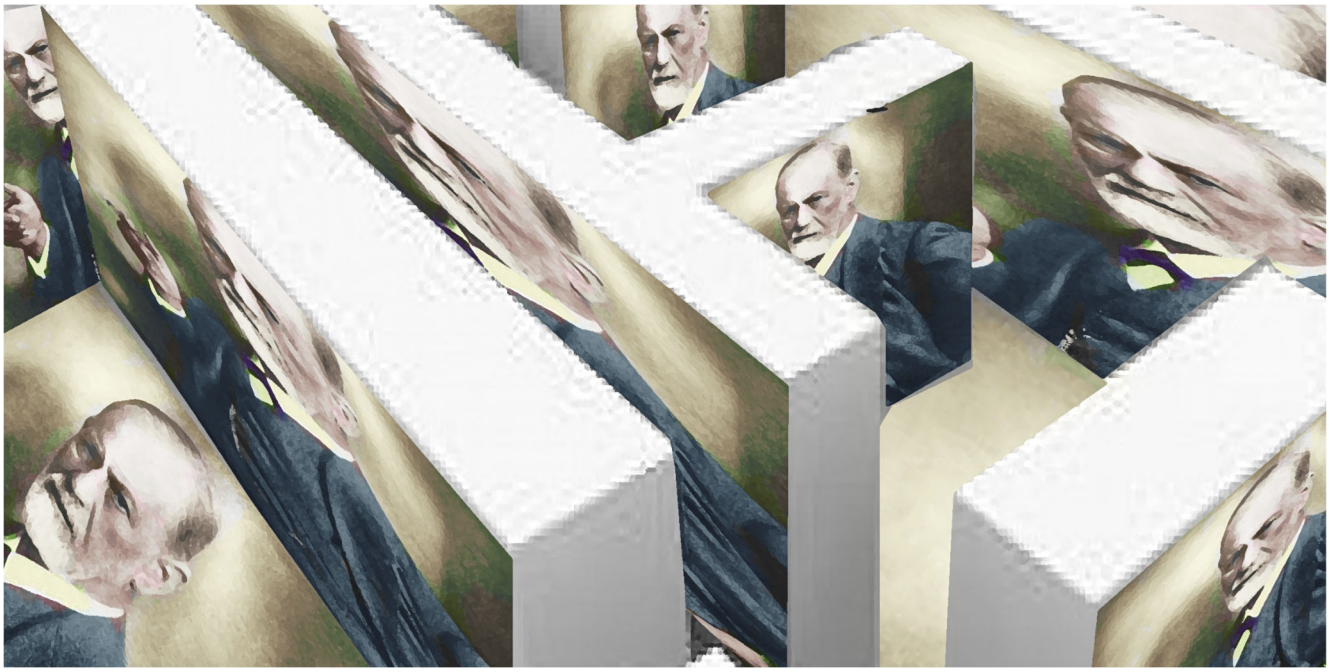
Ato Falho 3
Exemplos variados: 5
Para saber mais: 7
Sobre o Autor: 8

MISSÃO FEMININA: 8
Estimulando as Deusas 11
Arquétipos 12
A Jovem 12
A Guerreira 12
A Mãe 13
A Sacerdotisa 13
A Anciã 13
Deusas 14
Retorno a Deusa 14
Sobre a Autora: 39

Do culto do pênis fóssil ao rito da cópula do Sol com o útero úmido da Terra 17
Do Tabu ao Totem 26
O corpo como totem 28
Este é um processo messiânico. 31
O Sol e o corpo nas terras de Pindorama 32
O Brasil é a terra da energia viva. 32
O culto cristão ao cristo crucificado 33
A magia dos fios do corpo 36
Referências 37
Sobre a Autora: 39

Ato Falho

Síntese e Exemplos de Lapsos Freudianos



Autor: Henrique Vieira Filho
Terapeuta Holístico

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.6471337

Resumo

Ocasionalmente, conteúdos inconscientes driblam os sistemas de defesa e se manifestam.

Trata-se de um fenômeno corriqueiro conhecido como “Lapso Freudiano”, ou “Ato Falho”.

Palavras chaves: Freud, psicanálise, sistemas de defesa, ato falho, terapia holística

Abstract

Occasionally, unconscious contents evade defense systems and manifest. This is a common phenomenon known as “Freudian Slip”, or “Faulty Act”.

Keywords: Freud, psychoanalysis, defense systems, faulty act, holistic therapy

Ocasionalmente, conteúdos inconscientes driblam os sistemas de defesa e se manifestam.

Trata-se de um fenômeno corriqueiro conhecido como “**Lapso Freudiano**”, ou “Ato Falo”...

Ops, quero dizer: “**Ato Falho**” !

Claro que, quando de propósito, trata-se de uma piada. Aqui, a simulação “homenageia” Freud e uma de suas pautas mais polêmicas.

Outrossim, no contexto terapêutico, dizer uma coisa, quando se pretendia expressar outra, pode ser bastante significativo, expressando desejos inconscientes.

Não somente por meio da fala, este tipo de “equívoco” igualmente se manifesta na memória, em uma atuação física, por erros de leitura, de audição, distração de palavras...

Enfim, situações aparentemente “acidentais”, comumente atribuídas pelos leigos ao cansaço, à distração...

Freud deu a esse tipo contexto o nome de “*fehlleistungen*”, que se traduz como “atos falhos” e que é igualmente conhecido como “**lapso freudiano**” e **parapraxia**.

Por este meio, o desejo do inconsciente é realizado.

Nesta tese, nenhum gesto, pensamento ou palavra acontece acidentalmente.

Exemplos variados:

Caso real:

A Ministra do Planejamento, Orçamento e Gestão, Miriam Belchior, numa ocasião pública, saudou a Presidente Dilma, da seguinte forma: “Presidenta Lula!”...

Seria mero acaso, ou expressou o que realmente acredita, mas que conscientemente, jamais admitiria, nem para si ?...

Ficção:

“O senhor é muito bem-vindo a esta casa, nossas pernas estarão sempre abertas para lhe receber”...

Piada de Psicanalista:

Freud, explicando:

“_ Ato falho é, por exemplo, quando você quer dizer uma coisa, mas fala “sua mãe”... Ops, quero dizer: “fala outra coisa”...

Outro caso real:

Um futuro casal, ainda em fase de paquera, rotineiramente, vinham juntos de carona, mas não ultrapassavam os limites da amizade.

Certa ocasião, devido a forte chuva, a mulher, ao sugerir ao homem para subir com o carro na calçada, exclamou:

_ Pode subir na calcinha…

Exemplo de ato falho, por meio de atitude inconsciente:

Tendo um compromisso (a contragosto...) agendado, erra a configuração de seu despertador, de tal forma que não tenha mais tempo de comparecer...

“Lapso freudiano” por via escrita (caso real e relacionado à nossa Profissão):

Já faz quase 30 anos, um senhor que se apresentava como “médico e professor”, formado na Itália, alegava que o curso que ministraria aqui no Brasil, automaticamente teria reconhecimento por uma universidade da Itália e revalidação em nosso país.

Tanto em seus “diplomas”, quanto nas diversas propagandas que bancou nas mais variadas revistas e jornais, a grafia do nome da suposta instituição de ensino era...

Universidade Hipócritas !

O autor do estelionato, aparentemente, se autodenunciava por meio do erro gráfico.

Suponho que ele, por “peso na consciência” e suas vítimas, por esperança que tudo fosse verdade, igualmente cometiam o mesmo “ato falho”, pois liam “Hipócrates”, onde estava impresso “Hipócritas”...

Para o **Pai da Psicanálise**, o ato falho era como um sintoma, sendo que o desejo reprimido driblou os sistemas de defesa, encontrando como expressar-se, passando por cima do intuito consciente do indivíduo.

As parapráxias, tanto quanto os sonhos, são determinados por pensamentos inconscientes recalcados, aos quais negou-se outras formas de expressão.

Todos os tipos de casos de ato falho têm em comum, o fato de não serem frutos de mero acaso, pois estão a serviço de propósitos velados.

Se somarmos às teorias junguianas, ainda poderíamos considerar a Sincronicidade, ou seja, a “coincidência significativa” entre o “lapso” ocorrido e o que realmente a pessoa sente, pensa ou deseja, mas não se deu conta.

Na abordagem corporal de Reich e Lowen, de certa forma, podemos interpretar como “atos falhos”, os gestos, posturas, expressões faciais, tons de voz, olhares, que expressam intenções diferentes daquelas que o indivíduo conscientemente pretendia manifestar.

A intenção original passa por distorções, “deslocamentos”, sendo expressa de forma modificada.

Ainda assim, possibilita estabelecer uma ligação, por via associativa, com o conteúdo reprimido, até então, inconsciente.

Tal qual a interpretação dos sonhos e das associações livres, os “lapsos freudianos” são meios para auxiliar nossos Clientes em sua jornada de autoconhecimento.

Cabe ao **Terapeuta Holístico** ser o facilitador da interpretação dos atos falhos manifestos em terapia, ou trazidos a esta.

Claro que, como toda “análise intrusiva”, ainda que mediante o consentimento (ao menos, consciente...) do Cliente, pode desencadear uma forte reação contrária.

Via de regra, haverá resistência, sendo acionados os sistemas de defesa, como a negação e a racionalização.

Outrossim, como o devido cuidado e tato, sem nenhuma forma de julgamento, certamente que devemos trazer à pauta, proporcionando ambiente para que o Cliente aceite o conteúdo reprimido.

Afinal, se este manifestou-se espontaneamente mediante “lapsos freudianos”, é como que um alerta para si mesmo que é chegado o momento de trazer à luz, à consciência, aceitando e compreendendo.

Afinal, é melhor fazer isso no ambiente “seguro” do consultório, antes que o dia-a-dia seja “invadido” por continuados atos falhos, pois, ainda que constrangedores para o **Ego** e **Superego**, certamente que são compensadores para o **Id**...

Este artigo é trecho de capítulo do livro **Psicoterapia Holística – Um Caminho Para Si Mesmo**, do mesmo autor.

Para saber mais:

VIEIRA FILHO, HENRIQUE - Psicoterapia Holística – Um Caminho Para Si Mesmo. São Paulo, Sociedade Das Artes, 18ª Edição, 2022 - Versão e-book: Psicoterapia Holística – Um Caminho Para Si Mesmo – Livroteca

Sobre o Autor:

Henrique Vieira Filho

https://henriquevieirafilho.com.br
contato@henriquevieirafilho.com.br
(11) 982946468

Henrique Vieira Filho é artista visual, agente cultural (SNIIC: AG-207516), produtor cultural no Ponto de Cultura "Sociedade Das Artes" (SNIIC: SP-21915), diretor de arte, produtor audiovisual (ANCINE: 49361), escritor, jornalista (MTB 080467/SP), educador físico (CREF 040237-P/SP) e terapeuta holístico (CRT 21001).

http://lattes.cnpq.br/2146716426132854
https://orcid.org/0000-0002-6719-2559

MISSÃO FEMININA:

O Retorno Da Deusa

Autora: Fabiana de Matos Vieira
Terapeuta Holística

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.6471373

Artemis - Modelo: Sara - Fotografia e edição: Henrique Vieira Filho

A Heroína Sagrada

Resgata a sua guerreira espiritual, ela se equilibra na delicada integração do feminino e masculino de sua própria natureza.

O despertar da consciência, o empoderamento do seu corpo, mente e sentimentos, mudança de como você se vê e como irá reagir nas mais diversas atitudes, situações e ou com pessoas. Faz parte desta missão feminina.

Passamos pela morte: raiva, desespero, desolação; e agora temos o retorno à vida. A Heroína deve seguir uma jornada ao submundo (a descida a Deusa) que nada mais é que um recolhimento e enfrentar as verdades sobre si mesma.

Sem seguir mais os padrões masculinos e reencontrando a sua essência feminina, um foco no seu EU. Recordando seu corpo, sexualidade, emoção e intuição.

Uma descoberta sobre todo seu ciclo feminino, aceitando as sabedoria das mudanças: iluminação para coragem, criatividade e escuridão: encontrar significado nas dores.

Ressurgindo as suas figuras femininas, sua criança interior vem brincar também e o desejo de recuperar todos esses arquétipos perdidos de si. Ela enfim é a sua melhor versão, não pelo fato de estar plena, mas pelo fato de estar desperta para a vida e suas possibilidades.

Quando observamos as mulheres contemporâneas notamos uma crescente energia masculina, afinal elas estão na sua carreira profissional competindo com homens e alinhadas com esta forma patriarcal de viver no mundo.

Elas acabam negando, de forma inconsciente, sua energia feminina (intuição, emoções , espirituais e amor) ao invés de integrar ambas energias para o total equilíbrio.

Como já sabemos não estamos falando de gêneros, pois todos os seres têm as energias femininas e masculinas, podemos pensar no Yin e Yang que é o princípio de tudo, a dualidade complementar. Claro que quando pensamos em homens e mulheres cada qual já tem uma prevalência de energia correspondente ao seu gênero.

O que as mulheres atuais têm buscado é o equilíbrio destes aspectos e uma aceitação da sua energia feminina e a harmonia com a natureza.

A energia feminina é nossa intuição, espiritualidade, criatividade, emocional, nutrição, proteção e acolhimento. A energia masculina é o agir, assertividade, mental, lógica, força, foco. Razão pela qual precisamos harmonizá-las para vivermos uma vida plena em nossa essência.

A sociedade atual valoriza a energia masculina, pois vivenciamos ainda o movimento patriarcal e tudo que ele nos traz, mas com este movimento do feminino sagrado notamos que a dualidade é tão importante e complementar para nosso crescimento como seres.

Devemos buscar esta energia feminina que está reprimida e aflora-lá no nosso dia-a-dia. Melhorando assim nossas relações, internas e externas.

Energia Feminina

Nossa intuição, nosso cuidado com os detalhes, nossas emoções, tudo isto faz parte da nossa energia feminina, este lindo desenrolar da vida. Estamos vivenciando a energia feminina muito escondida e não valorizada em contra partida da energia masculina que está dominante. Pensamos nas mulheres no mercado de trabalho, silenciando suas criatividade e agindo dentro de um a padrão que não as favorece, afinal para ser “reconhecida” no ambiente de trabalho deve ser uma versão feminina de um homem (que falácia) e precisamos equilibrar estas energias, reconectando com a nossa energia criativa e integrar o melhor de cada uma na sua jornada.

Sabe quais mulheres vejo hoje em dia tendo mais acesso a sua energia criativa: as mães, menos favorecidas, menos acolhidas e mais negligenciadas, elas se tornam criativas no desenrolar do dia com os filhos, com o subemprego, com as diversas formas de ganhar dinheiro e sustentar os seus. Ela é criativa em nossa essência mais pura, no nosso arquétipo mais profundo: Mãe.

Estamos na busca da mulher plena, da mulher selvagem… mas sem antes entender como chegamos neste labirinto que não nos deixa ser o que somos e até nos ajudar a sermos o que precisamos cada qual no nosso momento e no nosso desenvolver pessoal. Afinal a busca do equilíbrio não é uma questão somente feminina, mas de todos os seres humanos; este modelo de separação já deve ter sido útil em algum momento, porém hoje não faz mais sentido. Precisamos aprender e reconectar com nossas energias e utilizar cada uma delas para nosso processo de cuidado do nosso íntimo.

Estimulando as Deusas

Arquétipos Femininos

Nas civilizações antigas as mulheres que já sabiam seus ofícios/profissão chamavam as deusas para seus domínios (afinal cada deusa representava uma faceta da Deusa primordial) e a veneravam com pedidos de bênçãos. Altares eram feitos com diversas ofertas a fim de que fossem atendidos seus pedidos. Lembrando que este tipo de pedido cabia também aos homens, afinal o contato com os Deuses antigos era muito comum em cada tarefa.

Ao pensarmos na mulher contemporânea ela perdeu este contato com as divindades e a resgatou como arquétipos, as facetas das deusas ativam padrões na psique das mulheres de forma particular, algumas facetas podem inclusive não serem ativados e podemos notar alguns energizados ao mesmo tempo

Algumas facetas das Deusas são renegadas nas mulheres contemporâneas - afinal vivemos num mundo patriarcal - a sedutora, a raivosa, a briguenta, a inteligente; são arquétipos da Deusa que não são bem aceitos e na verdade são subjugados e muitas das vezes pedidos que sejam abrandados. Em contrapartida o arquétipo da jovem, da esposa e mãe são aceitáveis e normalmente encorajados das mais diversas formas.

Arquétipos

Os Arquétipos repousam no inconsciente coletivo, são as experiências vividas por toda história da humanidade, que se repete em diversos aspectos, as imutáveis e fixos, quando o vivenciamos temos a oportunidade de refletirmos e aprendermos com esses aspectos, levando em consideração as suas próprias impressões sobre como rege nessa frequência. Listamos alguns abaixo, para compor nossa vivência, na visão do feminino!

A Jovem

O arquétipo da jovem, nos leva de encontro com a instabilidade, as mudanças são latentes nesse arquétipo, nos mostra o desprendimento da fase infantil e caminhando para a fase adulta. A jovem demonstra-se feliz, desperta para as novas oportunidades, fluindo o crescimento em todos os aspectos da vida, favorecendo a procura pelo Sagrado, pelo conhecimento do novo, de se autoconhecer e se conectar com o outro. Ela se aceita com mais carinho, pois ainda está formando suas opiniões e desejos para a vida. Desinibida, descobre sua sexualidade, fluindo a energia conforme se descobre. Com uma vontade de aprender que não tem nada que a barre, se conecta com o mundo, com as pessoas, diverte-se com todos e tenta levar o melhor de cada situação que passa. Quando equilibrada ela se conecta com mundo, mesmo que ainda não tenha conhecimento da energia sutil, ela começa essa busca, essa conexão com algo além do material, sente-se à vontade com sua sexualidade, diverte-se com tudo à sua volta, aproveita a vida, enquanto aprende sobre si. Quando em desequilíbrio, não se conecta com si e com os outros adequadamente, sente uma necessidade de se afastar e não interagir com as pessoas, normalmente vinculada a algum trauma sexual, resultando numa vida sexual quase inexistente ou algumas vezes inadequada.

A Guerreira

Guerreira, selvagem, a independência feminina. Raramente se apaixonam e não buscam a admiração masculina. Fortemente ligada à fertilidade/fecundidade, o poder pleno de criação e execução. Ama os animais e busca sempre estar em contato com o mais simples, sempre em busca de uma aventura e de estar em contato com a natureza. Nas relações com os homens está sempre numa competição, seja na vida social ou na sexual. Na era moderna, tornou-se uma guerreira tecnológica, conquistando seu espaço no local de trabalho, sendo independente e quase sempre conquistando com muita força uma boa posição de trabalho ou construindo uma empresa bem sucedida. As dificuldades que esse arquétipo enfrenta são:

ausência de contato direto com a natureza, as aventuras e contato com os animais silvestres, com os quais ela sente uma conexão muito forte e íntima. Quando em equilíbrio é confiante, independente e uma força difícil de barrar. Já em desequilíbrio torna-se amarga, solitária e individualista, prejudicando suas relações com as demais pessoas, pois não consegue comunicar-se sem tornar-se agressiva.

A Mãe

O arquétipo da mãe, que vive em todas as pessoas, seja para gerar um filho, para a criação de um novo negócio, amizades e relacionamentos afetivos. A energia da mãe, nos aparece em forma de entrega, de transformação, de auto cura, de amparo. Energia da Mãe, está vinculada com a Terra (Primeiro Chakra), com a água (Segundo chakra), tudo aquilo que nos enraíza, nos protege, alimenta e sacia as necessidades. O maior desafio, para o arquétipo de mãe, é permitir que o que tem que ser seja. Se esse arquétipo está na sombra, podemos nos sentir incompetentes como indivíduos, mães ou gestoras, podemos não aceitar que nossos projetos sigam outros rumos que não foram previamente traçados por nós. Então a primeira necessidade que temos que suprir, é cuidar de nós, de nutrir nosso amor, estar em sintonia com nós mesmos, notando o que é preciso para mantermos o equilíbrio. Muitas vezes na sombra, pode promover uma pessoa ineficaz, controladora, exigente, manipuladora e indutora de culpa, não se importando com o seu próprio eu, família ou negócio.

A Sacerdotisa

Sendo um arquétipo que demonstra a junção dos demais. Ela se coloca no meio, realizando a comunicação entre criar e agir. Quando nos encontramos nesse arquétipo, temos uma profunda conexão com o sagrado, com a natureza, com os ensinamentos ancestrais. Deixa fluir a autêntica natureza, sendo considerada em muitas culturas como a curandeira - aquela que cura, direciona. Sendo a direção, uma fonte de inspiração para todos que a buscam para solucionar algum problema ou para se conectar com a transcendência. Ela não entende as ações como materiais, mas sim com o entendimento energético de que algo maior nos influencia. Quando equilibrada se aconchega em total comunhão com seu corpo, mente e transcendência, se conecta com os elementos, entende a energia sutil e auxilia no seu crescimento pessoal e dos demais, conduz grupos e se conecta com a energia Sagrada. Quando em desequilíbrio sente-se perdida, sem conseguir se conectar com as energias sutis, busca se conectar com uma energia mais profunda, mas como não tem as ferramentas não consegue realizar de forma adequada.

A Anciã

A anciã muitas vezes, vista como a mais velha, sábia, que já está encerrando ciclos, a transmissora das verdades, da sabedoria. Um arquétipo, que podemos vivenciar em qualquer

fase da nossa vida. Temos diversas literaturas, mitos e símbolos desse arquétipo. Anciã, simboliza a senhora da sabedoria, conhece o oculto, ligada a magia (mistérios e entendimento dos processos naturais). Regendo as mortes, que nada mais são que transformações, mudanças, novos ciclos. Algumas pessoas aceitam essas mudanças, então se alinham com a sua ancestralidade, alguns ainda resistem a essas transmutações. A pessoa que está com esse arquétipo em equilíbrio, se mostra uma pessoa que busca um conhecimento profundo, dos aspectos que deseja aprender, já para o que não deseja, faz um corte preciso. A pessoa, entende, que está sendo receptora de informações, vibrações e tem uma sensibilidade para a consciência ampliada. Normalmente ligada à natureza, a cuidados naturais, a arte e trabalhos manuais.

Já em desequilíbrio, essa pessoa, se desprende do sagrado, da sensibilidade em diversos estados (seja num conhecimento mais profundo, num contato espiritual com alguma crença, perde o contato com a natureza, ou se torna rancorosa e manipuladora), ou seja, precisa se reconectar, com o sagrado, com a ancestralidade, manter o foco no que realmente precisa e continuar cuidando, de si e dos outros, na medida que lhe cabe.

Deusas

As Deusas repousam nos arquétipos, como para comprovar e ajudar no entendimento de nossas ações. Muitas das Deusas, assim como nós, atravessam de um arquétipo ao outro com muita facilidade e com total sintonia e crescimento, afirmando então que podemos e devemos transitar de forma espontânea de uma para outra, sempre na busca do equilíbrio e compreensão das nossas atitudes e ações. Na mitologia hindu temos Mahadevi - Mãe Divina, ela engloba todas as Deusas, mas cada qual com sua própria personalidade, força e sensibilidade. Com isso podemos notar, que todas nós temos dentro de nós a força, sensibilidade, a fonte criadora e também a destruidora; revelando assim que não importa a Deusa que você está conectada no momento, mas sim como aproveitar essa energia/força para melhorar a sua jornada!

Quase todas as Deuses tem dualidades, que se encontram em aspectos de outras Deusas, formando uma sinergia de conexões

Retorno a Deusa

Mulher Plena

Uma jornada de reencontro com seu íntimo, com diversas atividades profundas e transformadoras.

Quando entendemos que o que vivenciamos hoje não faz mais sentido. Pode ser quando começamos num trabalho novo, quando saímos de casa para seguir um novo

caminho, ou simplesmente quando percebemos que nossa identidade não faz sentido. Começamos, então, um retorno ao nosso íntimo, um recolhimento que será para o crescimento e autoconhecimento.

A jornada da heroína começa com uma desarmonia dos valores femininos, procurando reconhecimento e gratificação na cultura patriarcal, uma quase nula afinidade com a espiritual e um retorno para dentro, a fim de recuperar sua conexão feminina sagrada. A Heroína Sagrada resgata a sua guerreira espiritual, ela se equilibra na delicada integração do feminino e masculino de sua própria natureza.

No processo de resgate e reconexão com nosso íntimo sugiro manter-se conectado com a natureza e com as mudanças dela a sua volta. Conhecer as energias que fluem através dela e como alinhar os processos naturais do planeta com seus processos internos.

Não precisa sair do meio onde vive, urbano se for o caso, para ter contato com o ambiente natural, pois este é o ambiente natural: o agora. Conheça a região onde mora, veja as árvores que te cercam, as plantas que vivem e crescem perto. Pratique o conhecer e reconhecer

Precisamos retornar ao simples, a ancorar nossa energia com a Natureza, de ampliar nossa intuição e cuidarmos de nosso corpo, levando em consideração não somente o corpo que habitamos, mas sim todo o que ele comporta: Corpo físico, emocional, espiritual.

Pois não somos separados deles, mas sim estamos interligados e precisamos de todos eles em nossa jornada.

Nutra seu corpo com bons alimentos, faça exercício, medite, silencie, respire, ore, ensine, aprenda, compartilhe, visite a natureza, peça que ela te re-ensine como cuidar-se.

Conexão - A conexão com nosso cuidado natural é uma relação direta com o nutrir e criar laços com o Sagrado Pessoal e o Divino.

Nutrir - Nutra seu corpo com bons alimentos, faça exercício, medite, silencie, respire, ore, ensine, aprenda, compartilhe, visite a natureza, peça que ela te re-ensine como cuidar-se.

Sagrado - Sagrado é a vida, o íntimo, a vivência, o se conhecer, se conectar, ir de encontro ao todo.

Ancestralidade - É durável, persistente e participante do eterno. Quando as pessoas se dedicam a resgatar seus poderes, eles aprendem a honrar a sabedoria ancestral, ao conhecer os mitos/símbolos/arquétipos se auto conhecem com a energia sutil.

Conseguir o equilíbrio e utilizar a força de cada Deusa em seu benefício. É amar-se!

Existem diversas outras formas de conectar com sua energia feminina e encontrar a sua Deusa interior; conheça mais em nossos sites e redes sociais.

Sempre apresentamos novidades e exercícios simples e profundos para o resgate da sua **Heroína Sagrada**.

Sobre a Autora:

Fabiana Vieira

https://orcid.org/0000-0002-3568-8664

Formada em Secretariado, chegando aos 20 anos de uma sólida carreira no mundo corporativo.

Tendo coordenado mais de vinte eventos artísticos, entre exposições e vernissages para a **Galeria HVF Artes**, em diversos países, Fabiana Vieira soma uma sólida experiência a qual coloca à disposição dos demais artistas via **Sociedade Das Artes**, organização da qual é sócia.

Na **Terapia Holística,** atua com Reiki, Fitoterapia, Psicoterapia, Aromaterapia e Sagrado Feminino, temas sobre os quais é articulista convidada da Revista da Terapia Holística, além de organizar congressos, palestras, cursos e workshops, inclusive o consagrado Holística, que é o congresso anual do CRT.

contato@fabianamvieira.com.br

$

Do culto do pênis fóssil ao rito da cópula do Sol com o útero úmido da Terra

Autora: Fernanda Carlos Borges
Terapeuta Holística

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.6471400

Arte: Henrique Vieira Filho

Artigo extraído da palestra proferida no evento **Holística 2006**, organizado pelo CRT - Conselho de Auto Regulamentação Da Terapia Holística

Um dos motivos da ruptura entre Reich e Freud foi a militância política de Reich, que acreditava que o capitalismo patriarcal estava comprometido com o sofrimento psíquico das pessoas.

Uma transformação individual exigiria uma transformação social. Esta transformação remeteria ao modo de vida de algumas culturas pré-patriarcais, apoiadas em outras instituições sobre o corpo.

Reich (1977) fez uma declaração significativa: “Freud concordava comigo com relação a princípios. Mas quando se chegou a casos concretos, tais como atacar a atitude compulsiva da família, a organização da família, ele insurgiu-se contra mim (...) ele não aceitava o que a saúde sexual implicava, o ataque a certas instituições que se lhe opunham” (pg.86).

Do mesmo modo, lembra que “Freud era muito favorável à nova legislação da Rússia, apesar de um pouco hesitante quanto às facilidades de divórcio e aos seus efeitos sobre a família. Era bem claro para mim que ele se sentia constrangido a esse respeito. Ele queria libertar-se do seu próprio casamento. Mas não conseguia (...) Freud era uma mistura curiosa de espírito aberto e de um senhor professor de 1886” (pg.44).

Surpreendentemente, a Filosofia da Devoração de Oswald de Andrade tem muita afinidade com o pensamento de Reich, embora não haja nenhuma evidência de que Oswald o tenha lido. A aproximar os dois pode ajudar a situar o trabalho reichiano por aqui, entre nossas forças culturais, históricas e utópicas.

Para Oswald, as forças culturais que nos envolvem correspondem ao futuro para o qual apontam as aspirações da humanidade desde as primeiras utopias que antecederam ao Renascimento.

Este futuro não é capitalista

Para Oswald de Andrade (1992), nossa vocação histórica está apoiada em vestígios de uma weltanschauung das culturas pré-patriarcais, que deve ser recuperada. Muitas destas culturas eram antropófagas, entre elas os tupi-guaranis, nação indígena guerreira que ocupava a maior parte do território que viria a ser o território brasileiro.

Não se trata de uma volta ao passado, tal como ele foi com os seus rituais antropofágicos, e sim do fato de que “a antropofagia fazia lembrar que a vida é devoração opondo-se a todas as ilusões salvacionistas” (pg.231). A ilusão salvacionista é característica da cultura messiânica, que se confunde com o patriarcado e com a história.

Sua característica é a centralização do poder e o dualismo hierarquizado: o senhor é diferente e superior ao escravo; a mente é diferente e superior ao corpo; o espírito é diferente e superior à matéria; o homem é diferente e superior à mulher; o intelecto é diferente e superior aos sentidos; o adulto é diferente e superior à criança; o bem é diferente e superior ao mal; etc.

Neste dualismo, a parte inferior deve ser dominada ou eliminada, não tem direito à autonomia, sua diferença é medida ou pela insuficiência: a mulher é “não homem”; ou pela oposição: a mulher é “contra o homem”.

Numa cultura antropófaga, tal como Oswald a entendeu, a diferença é afirmada na sua autonomia: o inimigo pode ser atacado enquanto é uma ameaça, mas também deve ser comido, porque tem um valor próprio. Bastante diferente da concepção desenvolvida no messianismo ou impérios despóticos salvacionistas, pois “nestas circunstâncias, o inimigo deixava de ser visto como o objeto de saque do guerreiro vitorioso para ser tido como o ímpio, cuja só existência já ofendia a Deus” (RIBEIRO. 2000 pg.99).

Portanto, a questão básica trazida por Oswald de Andrade é uma questão de natureza ética.

A síntese destas culturas, antropófaga e messiânica, consistirá na recuperação de valores matriarcais com um alto nível de desenvolvimento tecnológico, que ele chama de retorno do primitivo tecnizado, ou matriarcado tecnológico: “de Morus a Campanella até os nossos dias, a humanidade insiste, sem saber, em se matriarcalizar. Todas as chamadas lutas pela liberdade não passam senão de episódios da guerra contra o regime da desigualdade e da herança, imposto pelo Direito Romano e sagrado pelo Cristianismo” (ANDRADE. 1995 pg.200). Edgar Morin (1973) observa: “pode ver-se que e a evolução do homem não está necessariamente ligada à história, e pode-se, portanto, imaginar a possibilidade de uma evolução meta histórica, quer dizer, de uma evolução que se efetuasse, certamente com desordem, com incerteza e com ruído, mas sem furor” (pg.186).

Atlan (1992) fez uma crítica a Edgar Morin a respeito da minimização do papel do pai como característica da sociedade pós-histórica, que implicaria no equívoco da diminuição da complexidade. O aparecimento do pai na vida da criança humana interrompeu sua relação unívoca com a sociedade, instalando a oposição e a contradição, porque dois indivíduos antagônicos passam a representá-la. A família aumentou as possibilidades de combinações nas relações sociais, tanto da ordem dos acontecimentos quanto da representação. O Pai é decisivo na internalização da independência/autonomia como fundamento constitutivo do indivíduo, decisivo, portanto, para o desenvolvimento da complexidade (pg.179).

Mas o retorno ao matriarcado não corresponde necessariamente ao retorno a uma sociedade com baixo nível de complexidade, o retorno de um matriarcado tecnológico aceita a presença do Pai, mesmo fora do patriarcado. O desenvolvimento da tecnologia tem correspondência com o desenvolvimento do nosso sistema sensório-motor, desde as primeiras machadinhas e cestos até o computador.

O sistema de equilíbrio pode ser identificado com o pai, ele é o fundamento básico da Lei: porque nenhuma ação pode fugir das condições do equilíbrio do corpo, e o corpo

sempre é um corpo situado. As leis do sistema de equilíbrio são radicalmente existenciais, nele se elaboram e sustentam as posições, as atitudes e modo de interação com o mundo.

É o Pai "que garante a adequação do meu equilíbrio a cada instante (...) ele me protege e defende, me permite lutar para conseguir aquilo de que necessito, fugir do que me ameaça, fluir no que me apraz. Este é o 'pai bom'; há o mau também. A fim de me manter ereto e carregar continuamente meus 70 quilos, faço bastante força, sinto-me oprimido e cansado, despendendo muita energia, sinto bem meus limites e servidões" (GAIARSA. 1988 pg.127).

Portanto, a idéia de um matriarcado tecnológico adquire uma força simbólica inusitada.

A extrema verticalidade, que caracterizou o patriarcado, levou ao desenvolvimento de uma tecnologia comprometida com um ideal transcendental dominador, que vem submetendo a Terra Mãe até a eminência da catástrofe ecológica, da destruição da terra e da auto-destruição humana. A civilização messiânica submeteu a mãe ao pai, Eros a Tanatos, a vida singular à máquina universalizada – cristo pregado na cruz!

O Pai foi aprisionado aos sistemas sistemáticos de reprodução em série.

A Mãe está ligada à terra e à gravidade, como percebe Gaiarsa (1988): "a terra pode nos aparecer ou ser apreendida como 'mãe boa' enquanto nos apóia, carrega, suporta e agüenta; é então útero e colo. Mas enquanto trabalhamos para permanecer em pé contra ela, então ela é 'mãe má' que nos 'atrai para baixo' , para a queda, a decadência, a desistência, a degradação" (pg.127). É o acerto entre o Pai e da Mãe a garantia da harmonia do movimento e do acerto das nossas ações, porque "o pai é o centro de impulso, a mãe é o centro de gravidade – ou de inércia" (pg.127).

O retorno do matriarcado tecnológico pode ser antevisto no que Edgar Morin (1973) chamou de mitos anunciadores da hipercomplexidade: democracia, socialismo, comunismo e anarquia, "que se referem todas ao mesmo sistema ideal: sistema fundado sobre a intercomunicação, e não sobre a coerção, sistema policêntrico e não monocêntrico, sistema baseado na participação criativa de todos, sistema fracamente hierarquizado, sistema que aumente as suas possibilidades organizadoras, inventivas, com a diminuição das suas restrições" (pg.187). É possível dizer que estes mitos anunciadores estão comprometidos com a síntese de um grande movimento dialético, já antecipado por Oswald de Andrade (1995) como uma vocação da cultura brasileira no destino do mundo. A tese corresponde às antigas sociedades pré-históricas matriarcais e a antítese corresponde ao desenvolvimento histórico do patriarcado.

Estaríamos vivendo um tempo em que "o homem, animal fideísta, o animal que crê e obedece, chegou ao termo do seu estado de negatividade, à portas de ouro de uma nova

idade do ócio" (pg.144), que ele chama de retorno do primitivo tecnizado, ou matriarcado tecnológico.

Então, qual é a nossa posição?

Roberto Gomes (2001) acredita que no Brasil se desenvolveu a idéia de que um "espírito aberto" é aquele capaz de assimilar "o melhor" de cada teoria. A influência do ecletismo teria levado à dissolvência de posições, indiferenciação e esterilidade intelectual.

Ele repara que, mesmo que se queira aproveitar 'o melhor' de cada teoria, é preciso estabelecer quais critérios para fazê-lo, para escolher este 'melhor'. E este critério não estaria claro.

Oswald de Andrade desenvolveu estes critérios, que favorecem a elaboração de uma posição capaz de sustentar um pensar e um modo de vida inclusivo, diferente da exclusividade messiânica. Os critérios da devoração são influenciados pela seguinte posição inspirada na vida indígena:

a perspectiva de um sistema social sem a exploração de classes;
a superação do sistema patriarcal através do retorno ao matriarcado num elevado nível de complexidade;
o desenvolvimento tecnológico a partir desta perspectiva; a percepção do inimigo como ameaça, não como "o mal em si" ou a "insuficiência do bem", um inimigo valoroso;
a identidade entre espírito e matéria; um ateísmo com deus através da aceitação da experiência órfica;
a consciência da vida como devoração, da transformação inevitável de todas as coisas;
uma atenção especial destinada às crianças, como forças renovadoras; a totemização do tabu: a transformação das forças desfavoráveis (desconhecidas ou novas) em forças favoráveis;
a superação da visão de mundo messiânica.

Estes critérios são diferentes daqueles que norteiam a sociedade norte-americana, cuja ética protestante apóia a moderna concepção de dignidade pelo trabalho. A concepção moderna de trabalho entende que o trabalho iguala todos os homens.

Esta concepção sustentou o desenvolvimento de um homem cujo "caráter racional (consciente, metódico, sóbrio, desperto, vigilante, calmo, tranqüilo, constante e incansável) da ação instrumental agora transvalorada, interpretada em sua eficácia como sinal em si de que a bênção de deus está bem ali, no trabalho diurno e intramundano de crescente domínio técnico do mundo natural, ação racional com relação a fins que entretanto agora vale por si mesma, já que transfigurada semanticamente no registro do dever, da obediência, da

conformidade a um mandamento exarado pelo deus todo-poderoso e todo-transcendente" (PIERUCCI. 2003, pg.205) – este é o protestante.

Essa ética está ligada com o princípio norte americano de self-reliance, que entende que cada indivíduo tem controle absoluto de seu próprio destino, é livre e mestre de si mesmo.

Para Oswald de Andrade (1992), "o engano do homem é esquematizar a sua própria natureza e criar necessariamente um conflito entre o que ele é (natureza) e o que deseja ser (esquema idealista da própria natureza)" (pg.276). Entre nós há um outro ideal de homem: o Homem Cordial, concepção que ele encontrou em Sérgio Buarque e desenvolveu a seu modo.

O homem cordial não se apóia na autonomia radical, para ele, "a vida em sociedade é uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se em si próprio em todas as circunstâncias da existência. Sua maneira de expansão para com os outros reduz o indivíduo cada vez mais à sua parcela social, periférica que no homem brasileiro – como bom americano – tende a ser o que mais importa. Ela é antes um viver nos outros" (ANDRADE. 1995 pg.158).

Como alternativa ao homem auto-suficiente e polido, identificou Homem Cordial, descendente do antropófago, cuja afetividade não se submete à polidez e seus princípios universalizantes. A guerra contra a Holanda, no século XVII, pode ser entendida como uma guerra de potência mítica, uma luta entre o homem cordial, filho da Grande Mãe, contra o homem polido, filho de uma filosofia funcionalista apoiada na introspecção e na subjetividade forte, cujo estilo comunicativo é a coerção, cuja missão é a expansão da verdade revelada pelo Pai Todo Poderoso, "não se tratava somente de uma guerra tipo marxista entre o monopólio e livre comercio. Não se tratava de interesses dinásticos ou políticos. Tratava-se apenas da primeira luta titânica, no mundo moderno, entre o ócio e o negócio. E o ócio venceu!" (ANDRADE. 1992 pg.199).

A idéia de igualdade através do trabalho se desenvolveu contra a diferença de classe que permitia a alguns poucos o direito ao ócio: os sacerdotes e os aristocratas.

As raízes deste direito se estendem até os impérios despóticos salvacionistas, "nestas grandes metrópoles cosmopolitas, as camadas diferenciadas de intelectuais – quase sempre sacerdotes – acrescentam à cultura societária, já bipartida num patrimônio rural e outro citadino, um conteúdo novo, de caráter erudito, mais especulativo e já capaz de desenvolver um corpo de conhecimentos explícitos distinto do saber vulgar" (RIBEIRO. 2000 pg.82), que opera como uma força aliciadora, igualando as diferenças através da imposição da verdade divina da qual eram portadores.

A idéia moderna de que "o trabalho dignifica o homem" se coloca conta este privilégio do ócio. Então, conquistado o direito ideológico à igualdade através do trabalho, o

próximo passo é a superação da sociedade do negócio, e um direcionamento para a democratização do ócio.

Esta concepção de trabalho, portanto, move-se dialeticamente em direção ao seu oposto, ao direito ao ócio a todos: “dialeticamente, por caminhos opostos, o que a humanidade tem procurado, seja pela apropriação direta dos bens da terra, seja pela amargurada e lenta marcha técnica e pela conquista desses bens através da luta de classes, o que ele deseja é não trabalhar. Ao contrário do que dizem as religiões do castigo e as cosmologias utilitárias” (OSWALD. 1992 pg.281).

A vontade de democratização do ócio é o motor da concepção da dignidade através do trabalho. No entanto a Reforma Protestante relacionou o negócio relacionou a revolução do trabalho à doutrina da eleição, e o sucesso no negócio à benção concedida ao povo eleito. É assim que ele acredita que o cristianismo brasileiro, com característica inclusiva, pagã e ecumênica, pode ajudar a fazer frente à eleição capitalista do negócio: “o Brasil compusera-se de raças matriarcais que não estavam distantes das concepções libertárias de Platão e dos sonhos de Morus e de Campanella. Era o ócio em face do negócio. O ócio vencia a áspera e longa conquista flamenga, baseada no primeiro lucro e na ascensão inicial da burguesia. O Deus bíblico, cioso, branco e exclusivista era batido, no seu culto, reformado pela severidade e pelo arbítrio, por uma massa órfica, híbrida e mulata a quem a roupeta jesuítica dera as procissões fetichistas, as litanias doces como o açúcar pernambucano e os milagres prometidos” (ANDRADE. 1992 pg.194)..

Estamos vendo a expansão de novas religiões que vendem, acima e antes de tudo, o sucesso nos negócios, e se colocam diretamente contra outras tradições religiosas. Um dos livros de divulgação de uma destas religiões, nascida no Brasil, escrito pelo bispo fundador, chega ao absurdo de dizer que o Brasil não vai para frente porque é dominado pelos demônios (!), demônios que movem as religiões afro-brasileiras, indígenas, católica (já que esta sincretizou-se com os demônios!), orientais (budismo, hinduísmo) e espiritismo. Diz ele, portanto, que é preciso expulsar os demônios para que o Brasil se desenvolva. E fundamenta o argumento lembrando o que para ele é óbvio: os países ricos são os países protestantes que expulsaram os demônios!

A idéia absurda de que nossa cultura popular impede que o Brasil se desenvolva vem conquistando milhares de fiéis, e está nos discursos mais simplistas, como o deste bispo, até em discursos mais sofisticados, que a entendem como um entrave ao desenvolvimento.

Portanto, não será nesta tradição religiosa que se verá a condição de desenvolvimento de uma idade do ócio, de um ócio democrático e socializado. O sucesso do modelo protestante norte-americano deve ser considerado do ponto de vista da adequação ao sistema capitalista, “temos que aceitar a superioridade inconteste do calvinismo baseado na desigualdade como alentador da técnica e do progresso. Mas, hoje, conquistados como

estão os valores produzidos pela mecanização, chegou a hora de revisar e procurar novos horizontes" (ANDRADE. 1995 pg.165).

Trata-se, portanto, de uma diferença filosófica, uma diferente aspiração social.

As transformações da concepção de trabalho desenvolvidas na Europa coincidem com a descoberta das Américas e das sociedades indígenas, e propõe que foi a descoberta destas sociedades que inspirou as utopias que alimentaram o desenvolvimento da modernidade: "sem nós, a Europa não teria sequer sua pobre declaração dos direitos do homem" (ANDRADE. 1995 pg.48). Os índios teriam inspirado pensadores modernos, como Montaigne e Rousseau, e ainda as primeiras utopias que moveram a humanidade européia numa aspiração à vida indígena, portanto, "o caminho percorrido pelas Utopias renascentistas conduz a dois pontos altos – o ódio ao ócio, evidentemente ao ócio de classe que produziram as longas e pesadas desigualdades medievais; e a exaltação da comunhão dos bens. O ócio da selva coloca-se assim face aos ócios de privilégio" (ANDRADE. 1992 pg.176).

A economia do haver é característica do desenvolvimento do patriarcado, este corresponde ao desenvolvimento histórico de acumulação e centralização do poder, seja material ou espiritual. A nova idade do ócio corresponderá a uma economia do ser em um matriarcado tecnológico. Ele acredita que o desenvolvimento tecnológico, que recebeu força da necessidade de acumulação patriarcal e de defesa dos bens acumulados, bem como da expansão e domínio necessários à manutenção o poder centralizador, poderá dialeticamente substituir o trabalho escravo, favorecendo um novo processo social. E, como o modelo patriarcal foi caracterizado pelo aumento de complexidade social e necessidade crescente de controle, a magia foi substituída pela persuasão ao ordinário, especialmente através da determinação moral. Portanto será significativo quando Oswald de Andrade propõe o humor "contra todas as catequeses".

A consciência participativa

O movimento dialético leva para o ócio e para uma religiosidade mais próxima da magia, do extraordinário - a superação do ordinário. Oawal repara que "em Pernambuco, foram as ladainhas que derrotaram a iluminação interior e a ascese" (ANDRADE. 1992, pg.198) dos holandeses protestantes, guerreiros temidos por toda Europa e vencidos aqui.

Embora não trabalhe com a separação entre espírito e matéria, Oswald de Andrade não se converte exatamente num materialista, mas num mágico que reconhece o sentimento órfico, sobre o qual é possível sustentar um ateísmo com Deus.

Ele acredita que "o século XIX não estava preparado para o estudo do problema de Deus. Nele, Marx, Nietzsche e Freud, forças gigantescas para a chave dos problemas

históricos e humanos, eram bebês de mama. (...) O que persiste no fundo é o sentimento do sagrado que se oculta no homem, preso ao instinto da vida e ao medo da morte" (pg.184).

Reich (1977) também concorda com a existência do sentimento órfico, conhecido como sentimento oceânico, do qual Freud dizia ser um sentimento regressivo, de fuga, de retorno ao útero: "Freud era um intelectual. Ele acreditava no papel Todo-Poderoso da mente, isto é, do intelecto sobre as emoções (...). Mas tal atitude entrou em conflito com o rumo que tomaram os trabalhos sobre genitalidade, em que as emoções estão implicadas, a 'corrente', as emoções no corpo. Freud rejeitou a existência das chamadas 'ozeanische Gefühle'. Não acreditava em tal coisa, nunca entendi bem porquê. É tão óbvio que as 'ozeanische Gefühle', a sensação de unidade entre indivíduo e a Primavera e Deus, ou o que as pessoas chamam de Deus, e a Natureza, é um elemento básico em todas as religiões, em todo o sentimento religioso, na medida em que não for doentio ou deturpado. Freud rejeitou isso, lamento dizê-lo, tive a sensação que ao dominar a sua própria vivacidade, a sua própria vivacidade biológica, ele tinha que se coarctar a si próprio, sublimar, viver de um modo que não gostava, renunciar" (REICH pg.93).

A "consciência participativa" corresponde a uma compreensão do homem imerso na natureza, não numa natureza máquina, mas numa natureza cheia de forças, de invenções e de vontades, que o ato mágico é capaz de conquistar, mas jamais dominar. Esta idéia é diferente daquela de Freud (1996), que acredita que "estamos então preparados pra descobrir que o homem primitivo transpunha as condições estruturais de sua mente para o mundo externo; e podemos tentar inverter o processo e colocar de volta na mente humana aquilo que o animismo acredita ser a natureza das coisas" (pg. 115).

Ao contrário disso, a idéia de uma consciência participativa dá um passo na direção da uma participação radical, que entende que as condições estruturais da mente não estão nem no mundo externo (fora), nem de volta para a mente humana (dentro).

Oswald de Andrade (1995) acredita que, entre nós, brasileiros órficos, há uma tendência para a inclusão, que ele chama de vocação para a Alteridade, característica que herdamos da cultura antropófaga: "poder-se chamar de alteridade o sentimento do outro, isto é, de ver-se o outro em si, de constatar-se em si o desastre, a mortificação e a alegria do outro. A alteridade é no Brasil um dos sinais remanescentes da cultura matriarcal" (pg.157).

Uma variação reichiana sobre a alteridade pode ser encontrada em Gaiarsa (1988), para quem existem pelo menos dois tipos de teoria psicológica: as exclusivas e as inclusivas. A exclusiva é "caracteristicamente analítica, redutiva, científica e lógica. Sua vantagem instintiva consiste em eliminar o mais poderoso inesperado do mundo subjetivo: o outro" (pg.154), as teorias "inclusivas, são sintéticas, construtivas, com muito de intuição afetivamente condicionada, e uma capacidade grande de compreender (isto é, envolver, acolher) o indivíduo" (pg.154). As teorias exclusivas estão a serviço do controle e do medo,

familiares ao messianismo; e as inclusivas estão a serviço da convivência e da amizade, frutos do amor - mais próximas da alteridade.

Do Tabu ao Totem

Oswald de Andrade (1995) foi bastante influenciado por Freud, repara que “do mau acolhimento dado aos direitos do instinto submetidos que estavam às disposições disciplinares da Moral de Escravos passou-se a uma fase psicanalítica em que se procurou legalizar o homem natural que resistia, por meio das neuroses e estados de ficção, às injunções seculares do socratismo ocidental” (pg.142).

No entanto, entende que Freud não conseguiu se libertar do patriarcado, embora tenha entendido profundamente o seu psiquismo, “evidentemente, o criador da psicanálise não deu atenção especial à revolução do patriarcado” (pg.144) e, por isso, entendeu a psique patriarcal como uma psique universal, com a qual compreendeu as operações primitivas, como a totêmica.

Para Oswald, a totemização primitiva carrega uma intuição sábia, entende os conflitos do indivíduo não estão limitados ao drama íntimo e familiar, são entendidos como questões do corpo, da natureza, da comunidade e da cultura. É uma operação que tem um caráter mágico, pois corresponde à “consciência participante”.

Não entende a instituição totêmica como característica de um desenvolvimento primitivo que naturalmente seria superado, como em Freud (1969), para quem há relação entre “as fases de desenvolvimento da visão humana do universo e as fases do desenvolvimento libidinal do indivíduo. À fase animista corresponderia a narcisista, tanto cronologicamente quanto em seu conteúdo; à fase religiosa corresponderia a fase de escolha de objeto, cuja característica é a ligação da criança com os pais; enquanto que a fase científica encontraria uma contrapartida exata na fase em que o indivíduo alcança a maturidade, renuncia ao princípio do prazer, ajusta-se à realidade e volta-se para o mundo externo em busca do objeto de seus desejos”(pg.113).

Este paralelo do desenvolvimento histórico com o desenvolvimento individual mostra uma influência do positivismo no pensamento de Freud, característico do ambiente científico do seu tempo, que já não está presente no pensamento de Oswald.

Freud desenvolve os fundamentos da psicanálise através da análise das culturas totêmicas primitivas e das suas instituições apoiadas no tabu. Propõe que as sociedades totêmicas e seus tabus correspondem a modos de resolver conflitos e ambigüidades, típicos do estado de consciência mais primitivo, como a criança e o neurótico: “a atitude emocional ambivalente, que até hoje caracteriza o complexo-pai em nossos filhos e com tanta freqüência

persiste na vida adulta, parece estender-se ao animal totêmico em sua capacidade de substituto do pai" (pg.169).

Equipara as soluções das culturas totêmicas aos processos neuróticos modernos, ambos valorizam excessivamente os atos psíquicos, como no caso da obsessiva que evita certos movimentos para evitar a morte do marido, exprimindo no mesmo ato seus sentimentos ambíguos: a vontade de matá-lo e a inibição. Freud (1969) acredita que "nem os tabus nem as proibições morais são psicologicamente supérfluos, mas, pelo contrário, explicam-se e justificam-se pela existência de uma atitude ambivalente para com o desejo de matar" (pg.92), por exemplo. Ele entende que "a base do tabu é uma ação proibida, para cuja realização existe forte inclinação do inconsciente" (pg. 52). Para Freud, o tabu corresponde a um desejo proibido, portanto ao desconhecido oculto, e os rituais ajudam a minimizar os conflitos decorrentes da ambivalência emocional.

Para Oswald, as culturas totêmicas encontraram uma solução mais acertada do que, simplesmente, um modo de resolver conflitos e ambiguidades num estado primitivo que deveria, com o amadurecimento, ser vivido com mais consciência entre os indivíduos. Observa que a instituição totêmica tem a sabedoria de entender como problemas sociais os problemas afetivos particulares, ao atribuir a filiação ao Totem. Isso diminui o peso sobre os pais individuais, pois os conflitos deixam de ser exclusividade da esfera doméstica e são encarados explicitamente no seu caráter coletivo, hoje é possível dizer: político e cultural.

Ele ainda sugere que o Tabu seja entendido não somente como o desconhecido que se oculta, mas como o desconhecido envolvido com a novidade.

Freud trabalha sempre com a idéia de recalque e sublimação, é ela que faz a diferença com relação a Oswald de Andrade, que enfatiza mais a novidade e a invenção. O pensamento de Oswald é mais familiar ao de Reich, que também não aceita a concepção de cultura e sublimação proposta por Freud.

Oswald (1995) observa que "a operação metafísica que se liga ao rito antropofágico é a da transformação do tabu em totem. Do valor oposto ao valor favorável. A vida é devoração pura. Nesse devorar que ameaça a cada minuto a existência humana, cabe ao homem totemizar o tabu. Que é o tabu senão o intocável, o limite?" (pg.101). O grande tabu, em última instância, é Deus: o limite máximo, o mistério, o inacessível e, por isso, o grande inimigo. O tabu pode ser entendido como um limite que exige uma solução, e não como uma proibição do erro e do engano através da adesão a uma verdade.

Este processo abre mão da expectativa básica do messianismo: alcançar finalmente a estabilidade, a ordem, a permanência definitiva. A concepção de Deus como o inimigo impede a dissolução das posições, ao contrário: exige resistência, posição, atitude, comunicação.

O principal tabu seria o tabu do incesto, que para Freud (1969) é constitutivo na mente humana, do qual emerge o sentido da Lei. Oswald está mais para Darcy Ribeiro (2000), para quem “as instituições do tabu do incesto e da exogamia, atuando como vinculadores de diversos grupos sociais, contribuíram para aglutiná-los em unidades tribais cooperativas ou, ao menos, não necessariamente hostis” (pg.40), nos primeiros agrupamentos humanos que apenas começavam o desenvolvimento da agricultura.

A atribuição de filiação ao totem favorecia, através da exogamia, um tipo de percepção inclusiva. Não era, portanto, coercitiva e salvacionista.

O corpo como totem

O messianismo trabalha com a ideia de implantar a verdade transcendental para corrigir os erros do corpo, numa condução em série dos movimentos. A idéia de que a vida é devoração, o-nde tudo está transformando, possibilita a emergência de ações alternativas à inibida, sem recorrer à substituição.

Os processos biomecânicos estão comprometidos com uma inibição inevitável e indispensável para a manutenção contínua do equilíbrio, tanto do próprio sistema biomecânico quanto das forças do ambiente. Não pode ser confundido com o impedimento de um movimento e uma substituição motora ideal para a ação reprimida, como no messianismo. Este, sob forma do cristianismo e do racionalismo cartesiano, atribui a uma deliberação auto-suficiente do sujeito a responsabilidade por questões de equilíbrio, “a todo instante atribuímos aos afetos ou ao outro, a culpa de nos fazer cair ou a função de nos manter de pé ou vice versa” (GAIARSA. 1988 pg. 110).

A cultura messiânica não elabora a ambiguidade, porque as forças proibidas não podem ser integradas, já que são associadas ao ímpio.

Mas toda ação reprimida se transforma numa pré-disposição para aquela ação: para segurar um soco as pessoas apertam as mãos. Está comprometida com um sentimento de divisão: uma força do bem, que segura, e uma força do mal, que está pronta para agir.

Os processos de equilíbrio do corpo, na medida em que assimilam as forças novas e ameaçadores transformando-as em impulso para a continuidade do movimento, fazem aceitar uma sabedoria criativa das forças da natureza e não do transcendente dono de todas as respostas e soluções.

As forças auto-organizadoras da postura não expulsam, nem explicam e nem convertem o mal. Elas assimilam a força do desconhecido, transformando-o em força renovadora. O sistema de equilíbrio é devorador. Este processo pode ser entendido como um

processo totêmico: o corpo como totem, capaz de transformar o desconhecido e a adversidade, que podem derrubar, em força favorável ao movimento renovador.

A postura como totem, especialmente a atitude sustentada na postura.

A forma do corpo como um totem vivo, comunicativo e mutante.

É possível entender de um modo neo-reichiano o valor ético atribuído por Oswald de Andrade ao rito, mais do que à moral: Gaiarsa (1988) reparou que as posições rituais são todas simétricas. A simetria do corpo desfaz inclinações, tendências, intenções. Está ligada, portanto, aos símbolos de aceitação. A simetria contínua só pode ser obtida através da assimilação, nunca através da rejeição.

Este é um princípio da *weltanschauung antropofágica* de Oswald de Andrade.

A simetria perfeita só pode ser obtida momentaneamente em situações rituais, assim o rito renova o cotidiano através da experiência extraordinária. Não se trata de uma simetria atribuída a uma instância transcendental para sempre fixada. Mobilizado pela assimetria necessária ao movimento, o corpo descobre as condições de equilíbrio a cada instante.

Isso é bastante diferente da expansão estadunidense contemporânea, que fixou inclinações, tendências e intenções numa assimetria concebida como “simetria perfeita” para reprodução em série, que só pode sustentar a eliminação do “eixo do mal” pelo “eixo do bem”.

Importa ressaltar ainda que a possibilidade de desenvolvimento de respostas biomecânicas antropófagas criativas a favor da vida depende do desenvolvimento de uma boa educação somato-sensorial. Reich, inspirado nos Trobriandeses, já havia levantado a hipótese de que em sociedades o-nde as crianças recebem uma boa educação, sem maus tratos físicos e com boas condições lúdicas, são sociedades não violentas e sem as angústias causadas pelas instituições patriarcais.

Oswald de Andrade também reparou na importância do desenvolvimento sexual na transformação cultural propõe “contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituição nem penitenciárias do matriarcado de Pindorama” (ANDRADE. 1995, pg.50) .

Parúsia aqui. E vingança aqui.
ANDRADE. 1992, pg.197

Oswald de Andrade (1995) chama a atenção para o termo Parúsia: “um termo que julgo extremamente ligado às utopias. É o termo Parúsia – destinado a indicar a volta do Deus

vingador para repor as coisas em seus eixos numa situação social errada" (pg.205). A idéia que carrega este termo é diferente das idéias otimistas, cujo processo só se justifica com vistas a um fim, o-nde, finalmente, os conflitos estariam resolvidos. Ele acredita que "o paganismo tupi e africano subsiste como religião natural na alma dos convertidos, de cujo substrato inconsciente faz parte o antigo direito de vingança na sociedade tribal tupi" (pg.17).

A vingança aqui deve ser compreendida como uma estratégia diferente da idéia de derrotar ou o mal (o Diabo), assim como de suprir a insuficiência do bem (a ignorância), pela persuasão ou pela punição, características do patriarcado messiânico. Gaiarsa (1988) desenvolve uma ideia sobre a concepção do Messias que pode ser aproximada da concepção de Parúsia, quando compara o sistema de equilíbrio com o Messias, que renasce a cada instante para recolocar as coisas – o corpo - nos eixos.

Então repara que "o problema com o Messias está mais na capacidade de responder a ele, e não em esperá-lo. Na verdade nem sequer responder é necessário; basta perceber o que acontece e seguir. Antes de começarmos a pensar numa situação nova já tomamos posição diante e dentro dela.(...) basta saber como estamos e logo saberemos o que pretendemos, qual a nossa intenção" (pg. 170). É preciso permitir que o Messias recoloque as coisas nos eixos, a cada passo, mas, para isso, é preciso aceitar que elas estão em movimento, em transformação.

Para Oswald (1992), "o homem possui uma dimensão religiosa, ligada aos seus instintos e desenvolvida pelos seus reflexos. Dimensão essa que talvez constitua uma das bases do próprio marxismo ateu. A ausência do objeto Deus não priva de existir uma transferência de sentimentos profundos e intraduzíveis para o culto aos pró-homens" (pg.234). Morin (1995) desenvolve uma idéia afim, quando diz que "no seio da crueldade do mundo, e assumindo essa crueldade, as forças de união, de comunicação, de auto-eco-organização da vida, por muito fracas que sejam, foram capazes de se difundir nos oceanos, de se estender pelos continentes, de se lançar nos ares (...) O prosseguimento do esforço cósmico desesperado que, no humano, toma a forma de uma resistência à crueldade do mundo, é a isso que chamarei de esperança" (pg.230).

A relação que faz destas forças com o sentimento de esperança é próxima daquela do Messias que recoloca as coisas nos eixos: a sociedade ou o corpo. Mesmo porque os eixos em torno dos quais as forças do corpo se organizam não são fixos e nem definitivos.

As forças de agregação da postura e do movimento assumem a crueldade do mundo para resistir à destruição, o corpo precisa elaborar as forças que o afetam e ameaçam para permitir que o Messias renasça a cada instante, corrigindo os descompassos.

O messianismo entende o homem como um ser incompleto, cuja falta o move em direção à completude, seja ela de verdade, de justiça, de beleza, enfim. Carrega a idéia de que o "pedaço" que falta está em algum lugar escondido, e pode ser descoberto com a ajuda

de alguém que detém a chave para o acesso. Pode ser o sacerdote, o cientista, o filósofo ou o psicólogo, por exemplo.

Mas fala do antropófago é: “só me interesso pelo que não é meu. Lei do homem. Lei do Antropófago” (ANDRADE. 1995 pg.47). Esse interesse não é mobilizado pelo sentimento de falta, já que não se trata de uma unidade a ser conquistada. Este homem não pretende combater o mal nem converter o ignorante, que são os maiores empecilhos para a completude. Mas vai exercer sua vingança, apropriando-se do poder do inimigo, que não é nada que lhe falta, mas que pode lhe fortalecer.

Esta concepção de vingança se sustenta no sistema de equilíbrio, pois “sobre nossas qualidades mecânicas de equilíbrio instável (mas sempre ativo), se instala a astúcia das respostas vivas. Na luta, as boas atitudes se defesa são sempre, ao mesmo tempo, base para um ataque; a posição de proteger-se de golpes que vêm de fora se transforma, num instante, em base para um contra golpe. E a expressão ataque ou fuga (fight–or-flight) caracteriza esse fato” (GAIARSA. 1984 pg.117). Toda força exercida sobre o corpo provoca um movimento que a absorve, devolvendo-a, de um certo modo, ao mundo.

Mas pode-se resistir àquilo que afeta o corpo de um modo messiânico, e entender essa força como uma força do mal que impede a perpetuação do esquema idealizado perpetuado na forma do corpo. Gaiarsa (1884) entende que, “como expressão sóciopsicológica da tenacidade automática de nosso parar de pé, e de nossa inconsciência com relação a este fato, sofremos do pior de todos os arcaísmos: a culpa é sua (ou você devia). (...) Como o erro é só seu, SÓ VOCÊ tem que fazer (ou desfazer) isto ou aquilo. Eu PERMANEÇO COMO ESTOU/SOU, meu EU permanece como está (é) – não me movo e não saio do lugar (mantenho a minha posição)” (pg.111).

Este é um processo messiânico.

Este movimento é característico de todas as religiões apoiadas na luta do bem contra o mal, num mal objetivado, exterior, com relação ao qual deve-se manter puro, e para tanto deve-se reproduzir modelos de comportamento universalmente válidos.

As forças persuasivas da sociedade de consumo desempenham esse papel de reprodução em série, mesmo que esta série seja “o interesse pelo seu estilo”, trabalham com padrões de comportamentos/movimentos para serem consumidos e repetidos. São forças descontextualizadoras. Daí a importância da percepção da situação, que envolve uma história, mas não fixa o passado.

A concepção de vingança desenvolvida por Oswald de Andrade não pode ser confundida com a vingança que Moisés lançou sobre o povo que conduzia pelo deserto, quando desceu do monte e os encontrou afastados de Jeová, e determinou aos que permaneciam fiéis a matarem com as próprias mãos, cada um seu próprio pai, irmãos e filhos

infiéis, pela honra de Deus (MILES. 1997). É uma vingança exclusiva, que não aceita o contato com o ímpio.

A ética da vingança de Oswald de Andrade (1995) enfatiza o direito de defesa e a compreensão, que “compreende a vida como devoração e a simboliza no rito antropofágico, que é comunhão” (pg.159).

O Sol e o corpo nas terras de Pindorama

A crise da filosofia messiânica está relacionada com a crise da energia fóssil, carvão mineral e petróleo, que sustenta o movimento civilizatório contemporâneo. Esta crise energética tem duas causas, a escassez da fonte e o efeito nocivo sobre a ecologia, como o efeito estufa e a chuva ácida.

Isso aponta para a necessidade de desenvolvimento de um novo sistema energético.

Uma destas alternativas energéticas limpas, ambientalmente, vem sendo desenvolvida com base em vegetai: a biomassa. A biomassa é a energia dos trópicos, porque é a energia do Sol. No Brasil, o reator energético que é o Sol trabalha continuamente.

O Brasil é a terra da energia viva.

Somos “filhos do Sol, Mãe dos viventes". Encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos touristes. No país da cobra grande” (ANDRADE. 1995, pg. 47).

O problema da energia reforça a questão a respeito de estar no Brasil para ser brasileiro. A grande maioria dos intelectuais brasileiros não dá a devida importância para esta questão energética, que é a questão que move importantes acontecimentos do mundo hoje, como a invasão do Iraque e as ações difamatórias da grande mídia sobre a Venezuela, ambos entre os primeiros produtores de petróleo do mundo, por exemplo.

Vasconcellos (2002) reparou que, “em repetidas conversas com os cientistas da escola da biomassa, um assunto vem sempre à tona: os motivos da cegueira dos intelectuais e das universidades em relação às causas e aos caminhos da superação do colapso energético-ecológico com o fim dos combustíveis fósseis e a biosfera ameaçada (...) Trata-se do terrível fenômeno, que envolve a percepção do tempo e do espaço, da alienação concernente à natureza em que se vive, e que afeta absolutamente todos” (pg.123).

A crise energética do combustível fóssil e a alternativa da biomassa, oferecida pelos trópicos, reforçam a importância de se perceber em para o desenvolvimento do sentido de ser: estar no Brasil para ser brasileiro. Esta má localização compromete a produção intelectual comprometida com os paradigmas dos países do hemisfério norte e dos Estados Unidos. Importa, portanto, perceber as forças envolvidas na relação do nosso corpo com o nosso ambiente, a fim de favorecer que uma motricidade própria elabore uma cultura singular, tropical.

A identificação psicomotora com a cultura da energia fóssil corresponde a uma alienação do espaço e do tempo, dificulta o desenvolvimento de uma boa localização e confunde nossa percepção. Vasconcellos (2002) diz que a filosofia da biomassa "é o encontro da razão com a natureza, as quais quase sempre estiveram dissociadas na cultura brasileira" (pg.109).

Durante muito tempo, a filosofia desenvolvida no Brasil foi uma espécie de "filosofia de gabinete", aprisionada nas leituras filosóficas oficiais e "obrigatórias", portanto afastada das questões que emergiam nas ruas através dos conflitos culturais. Oswald de Andrade (1995) propõe, no manifesto da Poesia Pau Brasil: "contra o gabinetismo, a prática culta da Vida" (pg. 42), entendendo que a vida culta não equivale aos ideais exclusivos da civilização e sua estratégia persuasiva.

A cultura da biomassa também pede o desenvolvimento de uma tecnologia própria, de uma tecnologia situada. A tecnologia da energia fóssil é tratada como um valor universal, assim como as demais construções do processo civilizatório. Este pedestal universal, no qual é colocada a tecnologia da energia fóssil, descamba para numa apologia da industrialização e para a idiotização do ethos rural. É preciso reverter este processo que faz da natureza tropical um tabu: um bem proibido ou não desejado.

A transformação desse tabu em totem depende da percepção da relação entre corpo e ambiente e do comprometimento dessa relação na emergência cultural. A totemização do tabu, a natureza dos trópicos, será efetivada através do desenvolvimento tecnológico capaz de transformar suas forças adversas em força favorável. Trata-se, portanto, da tecnologia como totem!

A universalização da tecnologia lembra Jesus e a Cruz.

O culto cristão ao cristo crucificado

A Cruz, tecnologia universalizada que limita as possibilidades articulares e comunicativas do corpo e da vida: Jesus. Isso tem correspondência com a "didática da cruz. Por o-nde tudo começa entre nós. A geopolítica de Cristo: do velho mundo para o novo mundo (...) O povo brasileiro é impensável sem a cruz trazida pelos colonizadores, portanto é dentro

da esfera cristocêntrica – e não fora dela – que se deve buscar a solução para o enigma da polis brasileira" (VASCONCELLOS. 2001 pg.53).

Um Cristo despregado da cruz, capaz de se mover, é um cristo situado, capaz de colocar a cruz (a tecnologia) a favor da vida.

O totem substitui o pai. O lugar do pai entre nós está ocupado pelo explorador do hemisfério norte que impõe seu falo fóssil sobre a terra mal percebida.

O retorno do primitivo tecnizado tem em vista a "energia–mãe, a biomassa vegetal é o útero úmido da terra, verde e ensolarada cuja recusa pelos brasileiros revela o mecanismo psicológico masoquista de origem colonial. O patriarcalismo oligárquico e misógeno – em vez do útero materno primordial – prefere cortejar o pênis fóssil importado, com sinais de impotência e infecundidade, enfim, uma energia de hidrocarbonetos que não é capaz de produzir o gozo, resultando daí uma triste grei de eunucos e histéricos. Essa é a conseqüência, no plano cultural, das resistências psicossexuais a energia da biomassa, que poderia ser o fruto amoroso da cópula entre o sol e a água doce dos trópicos, isto é, a medida da felicidade do povo brasileiro" (VASCONCELLOS. 2002 pg.127).

É preciso que a tecnologia entre nós se desenvolva da relação com a Grande Mãe, e de uma razão situada descubra sua razão de ser. A tecnologia como totem, singularizada pela força de Eros (corpo) e da Grande Mãe (natureza).

Portanto, a ênfase na mãe não implica numa simplificação ingênua e ideológica.

O matriarcado tecnologizado responde por um processo pós-histórico, pós-patriarcal e pós-messiânico, com diversidade crescente de restrições e soluções e aumento de complexidade. Mesmo porque "o problema da mecanização do trabalho e o mito da máquina, muito antes de existirem como problema social, existiam como problema subjetivo, organizando e governando a maior parte das relações interpessoais e o funcionamento da sociedade" (GAIARSA. 1995 pg.174). Trata-se de uma noção de trabalho que se realiza continuamente no nosso sistema sensório-motor, transformando a natureza em atitudes, posições e cultura. Mesmo Marx reparou que "o trabalho é o pai, mas a mãe é a terra".

Caso pareça estranho relacionar a utopia da biomassa com o enforque reichiano "corporal", vale lembrar que o desenvolvimento das utopias modernas está relacionado com o entusiasmo dos europeus descobridores com a natureza e com o corpo, inspirados na vida dos povos indígenas descobertos pelo colonizador, "as utopias são uma conseqüência da descoberta do Novo Mundo e, sobretudo, da descoberta do novo homem, do homem diferente encontrado nas terras da América" (ANDRADE. 1995 pg.163), um homem pelado que aceitava que era um corpo.

O português que aqui chegou vinha da Europa inquisidora, cujas principais vítimas foram as mulheres, e desenvolveu com a máxima radicalidade a idéia de que o corpo é pecaminoso e o transcendente, a salvação. O seguinte trecho foi retirado de O Martelo das Feiticeiras, escrito pelos principais teóricos da inquisição, Heinrich Kramer e James Sprenger (2004), prefaciado pelo papa Inocêncio VII e publicado em 1484: “com relação ao encantamento dos seres humanos por meio de Íncubos e Súcubos, convém notar que tal pode ocorrer de três modos. Primeiro, como no caso das próprias bruxas, quando as mulheres se prostituem voluntariamente e se entregam aos Íncubos. Segundo, quando os homens mantém relações com Súcubos; embora não pareça que os homens forniquem com o mesmo grau de culpabilidade; porque, sendo intelectualmente mais fortes que as mulheres, são mais capazes de abominar tais atos” (pg.322).

A inferioridade e a periculosidade das mulheres é desenvolvida sistematicamente ao longo do livro, como nesse outro trecho: “essa perfídia é mais encontrada entre as mulheres do que em homens, conforme nos ensina a experiência, para os ainda mais curiosos a respeito da razão desse fenômeno, acrescentamos o que já foi mencionado: por serem mais fracas de mente e de corpo, não surpreende que se entreguem com mais freqüência aos atos de bruxaria (...) a razão natural é que a mulher é muito mais carnal do que o homem, o que se evidencia pelas suas muitas abominações carnais ” (pg.116).

Sua religião entendia que o mal deveria ser mais do que evitado, mas eliminado, pois “não há remédio contra tais práticas, a menos que os juizes erradiquem todas as bruxas ou, pelo menos, as castiguem como exemplo para todas as outras que, por ventura, desejem imitá-las” (pg.322). O que resultou disso é que milhares de mulheres foram assassinadas (a estimativa é em torno de cem mil), constituindo pelo menos 85% das execuções, como mostrou Rose Marie Muraro no prefácio da tradução para o português (2004). Foi essa visão anti corpo e anti mulher que chegou até nós através dos homens que viajavam nas caravelas.

A demonização do corpo do povo brasileiro que prossegue até hoje, entendido como preguiçoso, luxuriento e ingovernável, favorece ideologicamente a apropriação dos nossos recursos energéticos pelo o colonialismo do século XXI.

Por isso importa atrelar a energia dos trópicos à reforma agrária, através do apoio e do favorecimento da ocupação brasileira e descentralizada do território nacional, “a biomassa pode ser produzida na área rural com os dois recursos mais abundantes e estratégicos que temos: o homem desempregado e a terra improdutiva” (VASCONCELLOS. 2002 pg.15).

Esta relação que vem sendo desenvolvida até aqui permite propor que faz parte do posicionamento reichiano apoiar os movimentos de trabalhadores rurais sem terra. Para entender a psique brasileira e favorecer a relação do trabalho clínico com as redes sociais, é importante perceber que “somos a utopia realizada, bem ou mal, em face do utilitarismo

mercenário e mecânico do Norte. (...) O que precisamos é nos identificar e consolidar nossos perdidos contornos psíquicos, morais e históricos" (ANDRADE. 1995, pg.166).

O corpo é comprometido com os processos naturais, culturais e sociais, através de relações dialéticas complexas. O sistema de equilíbrio do qual emerge as ações humanas é organizado em pares de partes e forças antagônicas, com possibilidade de combinações múltiplas e inusitadas, sintetiza continuamente o desequilíbrio provocado por cada contato, movimento e relação.

A síntese nunca é definitiva, portanto nenhuma ideologia é suficiente, pois, a cada passo, novas exigências emergem. Nosso sistema biomecânico é gerador de utopias, movido para o futuro, o messias vingador que recoloca continuamente as coisas nos eixos. Pode-se compreender Oswald quando diz: "contra a memória fonte de costume. A experiência pessoal renovada" (ANDRADE. 1995 pg.51).

A magia dos fios do corpo

Trata-se de uma utopia que concebe a possibilidade de um sistema social descentralizador, diferente da concepção centralizadora da moral sacerdotal. Lembra mais a concepção mágica ligada à tessitura de fios, bastante arcaica e relacionada com forças femininas.

É bom lembrar que faz parte da recuperação da percepção mágica o caráter inventivo, criativo e tecnológico da ciência. A ciência como manipuladora de forças, e não como porta-voz de verdades. A percepção mágica da metáfora da trama e dos fios se aproxima muito da concepção de corpo como rede móvel de vetores de força: "os milhares de tensores musculares envolvidos nos movimentos dos músculos funcionam como um tear que tecem as forças do mundo ou forças do corpo" (GAIARSA. 1988 pg.227).

A idéia de corpo como trama de forças ligadas à tessitura do mundo ajuda a compreender um sistema que não seja organizado através da hierarquia forte, do movimento persuasivo e exemplar. Heráclito já dizia que "é cansativo servir e obedecer aos mesmos senhores" (fgto.84). Trata-se da consciência da participação, atenta às soluções cooperativas e emergentes, através da comunicação e da alteridade, contra a submissão a uma dominação sacerdotal.

A trama evoca uma questão espacial, diz respeito à localização: o-nde começa um movimento? Heráclito diz que "assim como a aranha, instalada no centro de sua teia, sente quando uma mosca rompe algum fio da teia e por isso corre rapidamente, quase aflita pelo rompimento do fio, assim alma do homem, ferida alguma parte do corpo, apressadamente acode, quase indignada pela lesão do corpo, ao qual está ligada firme e harmoniosamente" (fgto.67).

As forças musculares que organizam, sustentam e movem o corpo podem ser entendidas como uma teia feita de vetores de força: “a mais perfeita representação gráfica do termo ‘sentido’ que eu conheço é o vetor. Das imagens concretas, a mais bela é a flecha, da qual deriva o vetor. A mais abstrata representação de ‘sentido’, creio que se liga à sensação de um tensor muscular ou à resultante – virtual, mas atuante – de um conjunto deles. Creio, ademais, que em ausência dessa sensação não nos é dado pensar um significado” (GAIARSA. 1988 pg.43).

Pode-se imaginar uma teia corpo-cultura tecida por estes vetores de força, uma teia móvel, o-nde o sentido é continuamente mantido e transformado, e cada um de nós sintetiza de algum modo singular estas forças, mobilizando-as.

As questões aqui levantadas tratam da necessidade de nos percebermos, brasileiros reichianos, a partir da nossa posição original dentro da rede da natureza e da cultura humana. Uma posição que favoreça o desenvolvimento das utopias levantadas por Reich, tão familiares as que Oswald de Andrade identificou entre nós. Sustentam a esperança na superação do capitalismo e da exploração do corpo do outro na direção de uma nova sociedade, mais fraterna e complexa: o matriarcado de Pindorama.

Oswald de Andrade (1992) disse (em 1945!) que “a antropofagia ainda balbucia, mas propõe-se a depor no tumulto dramático de hoje. Ela leva às suas conclusões o que há de vivo no existencialismo e no marxismo. De um velho caderno que tem cerca de vinte anos tiro a seguinte: pela primeira vez o homem do equador vai falar!” (pg.105).

Referências

ANDRADE, Oswald. A Utopia Antropofágica. São Paulo: Globo, 1995 (Obras Completas de Oswald de Andrade).

_____. Estética e Política. São Paulo: Globo, 1992 (Obras Completas de Oswald de Andrade).

ATLAN, Henry. Entre o Cristal e a Fumaça. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

BORGES, Fernanda C. A Filosofia, o Filósofo e o Movimento como Criação Contínua. Dissertação de Mestrado, apresentada no programa de Pós Graduação em Ciências Da Motricidade, UNESP – Rio Claro, 1996.

CALLIGARIS, Contardo. Hello Brasil. São Paulo: Editora Escuta, 2000.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. Diferença e Repetição. São Paulo: Ed. Graal, 1998.

FREUD. Sigmund. Totem e Tabu e outros trabalhos. Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Volume XIII. Rio de Janeiro: Imago Editora ltda, 1969.

GAIARSA, J.A. “A Estátua e a Bailarina”. Ed. Ícone, São Paulo, 1988.

_____ “Couraça Muscular do caráter”. Ed. Ágora, São Paulo, 1984.

_____ “O espelho Mágico”. Ed. Summus, São Paulo, 1984.

_____ “Poder e Prazer”. Ed. Ágora, São Paulo, 1986.
_____ “Respiração, Angústia e Renascimento”. Ed. Ícone, São Paulo, 1994.
GOMES, Roberto. A Crítica da razão Tupiniquim. Curitiba: Criar Edições, 2001.
HIGGINS, M. E RAPHAEL, C. Reich Fala de Freud. Lisboa: Moraes Editores, 1977.
JAMESON, Fredric. Pós-modernismo. A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio. São Paulo: Ática, 1997.
JOHNSTONE, Maxine Sheets. The Roots of Thinking. Philadelphia: Temple University Press, 1990.
MILES, Jack. Deus – uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
MORIN, Edgar. Os Meus Demônios. Portugal: Publicações Europa América, 1995.
PIERUCCI., Antônio Flávio. O Desencantamento do Mundo. São Paulo: USP, Curso em Pós Graduação em Sociologia: Editora 34, 2003.
REGA, Lourenço S. Dando um Jeito no Jeitinho. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2000.
REICH, Wilhelm. Análise do Caráter. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
_____ A Função do Orgasmo. São Paulo: Circulo do Livro, cortesia da Editora Brasiliense, 1975.
_____ O Assassinato de Cristo. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
RIBEIRO, Darcy. O Processo Civilizatório. São Paulo: Companhia das Letras; Publifolha, 2000 (Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro).
VASCONCELLOS. Gilberto Felisberto. Biomassa: a eterna energia do futuro. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.
_____. Glauber Pátria Rocha Livre. São Paulo: SENAC, pg.2001

Sobre a Autora:

Fernanda Carlos Borges

https://orcid.org/0000-0001-5625-6732

Pesquisa a relação entre corpo, mente e ética, cultura e arte, . Possui formação interdisciplinar, com graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do RioGrande do Sul (1993), Mestrado em Ciências da Motricidade pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1998), Doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005) e Pós-doutorado no Instituto de Artes da UNICAMP (2010). Professora na área de comunicação e artes do CentroU niversitário SENAC-SP.

Autora dos livros: A Filosofia do Jeito (Summus), A Mulher do Pai (Summus), Manobras da Existência (Sinte), Torres em Transe (nVersos)

nandacarlos@uol.com.br

$

Cursos, livros, mapas, fichas de atendimento, etiquetas para terapia floral e aromaterapia, gráfica personalizada,criação de logotipos, identidade visual, sites...

Enfim, TUDO para Terapia Holística!

www.livroteca.com.br

Até 12 vezes via cartões de crédito com parcelamentos Pag Seguro

Este site também aceita PIX para pagamentos à vista com 10% de desconto

Este site também conta com algumas promoções onde aceita Parcelamento no Boleto sem juros

Este site também aceita Boleto para pagamentos à vista com 8% de desconto